

Órbita

para: Luiza Goulart



de: Luiz Fernando Marques

Luiz Fernando Marques

Nascido em Santos, integra o Grupo XIX de Teatro, desde 2001, sendo diretor e co-criador dos espetáculos: *Hysteria; Hygiene; Arrufos; Marcha para Zenturo; Nada aconteceu Tudo acontece Tudo está acontecendo; Teorema 21* e *Estrada do Sul* (em parceria com Teatro Dell'argine – Itália). Fora do XIX, criou e dirigiu as peças *Negrinha* com o Coletivo em Cor; *Dias raros*, com o Teatro da Travessia; *Festa de Separação: um documentário cênico; Dizer e não pedir segredo; Orgia ou de como os corpos podem substituir as ideias* e *Desmesura* com Teatro Kunyn; *Aquilo que meu olhar guardou pra você* com Magiluth(PE); *Inservíveis* com Usina de Arte (AC); *Sobre a Areia e o Vento* com Atores a Deriva e Bololô Cia Cênica(RN); *Mesas Falam e se Movem* com Confraria de Teatro(ES), *De tudo aquilo que eu fiz apenas para te dizer adeus* com Cia Depois do fim (ELT); *Cenas para usar luvas* com Grupo 6dois(EAD). *Bruto* com Núcleo Experimental do SESI; *poema suspenso para uma cidade em queda* com a Cia Mungunzá; *Entre Vãos* com a Digna Cia. *Hiroshima meu amor – cinema falado* com Leticia Sabatella e Paulo Celestino. Suas peças já foram encenadas em mais de **100** cidades no Brasil e **24** no exterior (Cabo Verde, França, Guiana Francesa, Inglaterra, Itália e Portugal) sendo feitas em inglês, francês e italiano. Ao longo de sua trajetória acumula entre prêmios e indicações mais de 15 menções nos principais prêmios do país : Shell, APCA, Cooperativa Paulista de Teatro, Bravo!, Qualidade Brasil, Prêmio Governador do Estado de São Paulo entre outros. Desde 2008, é orientador do Núcleo de Direção da Escola Livre de Teatro de Santo André.

O encenador

além as estrelas são a nossa casa... este é o título de uma belíssima peça portuguesa de Abel Neves! O seu texto me fez viajar no tempo e no espaço tal como quando assisti este espetáculo. Acho muito potente o gesto de olhar para o mistério do infinito para encontrar o limites do dentro.

Começar a peça com um desaparecido/busca é uma ótimo convite para o público. Tal como Édipo buscamos um outro para encontrarmos a si mesmos.

A presença do Cientista que poderia soar maçante/didática é muito bem colocada. O assunto que ele traz é suficientemente interessante para nos prender a atenção e servir como moldura para o que vamos ver - porém quando ele aparece como “comentador” (principalmente nas falas de Teresa) ele corre o risco de ser redundante. Não no sentido do que ele fala. Mas no sentido de que os comentários parecem me conduzir, para além do necessário, as conexões que farei entre a a “teoria do buraco negro” e a fábula propriamente dita. Acho mais rico deixar estas pontes mais livres... menos direcionadas.

Como encenador o texto me criou imagens o tempo todo. Vontade de brincar como com este espaço/buraco negro. Vontade de jogar com estas entrevistas soltas no ar.

Confesso que repensaria a presença física do personagem “João”. Gosto dele como o perdido, o ausente, ou em outra dimensão. (Pode ser que a encenação encontre um lugar para ele) Até sinto que o próprio texto o coloca como “lembrança”. Mas, no meu ponto de vista, ele acaba ganhando corpo demais. Sinto que ele renderia mais como ausência, como dúvida. Ver ele demais. Ouvir ele demais. Determina muito a busca. Tal como o cientista do buraco negro o que intriga é tudo que tem de “não sei” ali dentro.

O Público

No começo achei tudo muito confuso. Uma pessoa desaparecida. Um cientista com uma teoria bem louca. Mas ai me aparece Teresa. Ahhh Teresa ... sem dúvida minha personagem preferida. Teresa é daquelas personagens que ao falar do outro revela muito de si. Me conectei com cada parte da história. A cena da separação pra mim é a melhor: me senti solto no infinito como ela.

Depois a história andou e fiquei um pouco perdido quando o Joaquim encontrou Teresa. Pois todos os relatos/entrevistas me pareciam que eram pós desaparecimento de João. E Joaquim (morreu/se matou) antes disso. Enfim posso estar enganado mas confesso que isso me embaralhou.

Falando em Joaquim acho um personagem “exposto” demais. Acho que queria saber menos dele. A “histórinha” que se conta de sua vida.. me parece um pouco “certinha” demais. E ai quando aparece o desfecho dele. Me parece que tudo aquilo que foi contado era um pouco pra eu criar um vínculo com ele. Mas acaba que ele ganha relevo demais e faz sombra no João que de fato é quem estamos procurando.

Já Maria se destaca pelo oposto de Joaquim. Quase nada ficamos sabendo dela, o que deixa Maria a cada fala mais interessante. Sabemos pouco dela. Mas temos vontade de observá-la de descobrir qual universo ela esconde em suas sombras.

O Motorista do Uber/Bailarino tem uma ótima entrada. Ser Uber/bailarino é muito legal, gera mil perguntas, mas quando se explica o porque desta vida dupla pra mim perdeu um pouco a graça. E por fim acho que a metáfora: Protagonista/Coadjuvante muito esperada, muito direta demais. Naquele momento da peça eu já tinha sozinho conseguido fazer as relações entre a teoria do buraco negro e o que o texto queria dizer. Fiquei pirando se ele fosse um Uber/cientista(que hoje no Rio de Janeiro/Brasil está com as mesmas dificuldades dos trabalhadores da arte).

